

ENSINO DE HISTÓRIA E PROXIMIDADE: HISTORIANDO A CATEGORIA DA PROXIMIDADE

Autora: Grinaura Medeiros de Morais¹

INTRODUÇÃO

A criança aos sete anos e por volta desse ciclo de sua existência, não discute acerca do conceito de anacronismo e de temporalidade. Tais conceitos devem ser empregados da forma mais clara e objetiva possível, diluídos nas atividades que realizam, nas leituras e experiências de proximidade da sua existência. Isto ocorre, quando da orquestração de uma maestria digna da mais competente autoridade professoral em matéria de ensinagem e de aprendizagem de História. Como semear o gosto pela história começando pelas Capitânicas Hereditárias, pelo Descobrimento do Brasil ou pelos Governos Gerais? Que criança poderá se motivar por questões tão adultas e distantes do seu mundo de imaginação? De que forma o professor aproxima ao máximo o saber histórico da realidade das crianças?

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O poster é resultado das Práticas de Ensino de História, algumas delas recortadas no decorrer da experiência realizada ao longo do trabalho nesta área de ensino. Uma das experiências marcantes a partir do ensino de história envolvia a geografia, a matemática, as letras, a biologia, as relações sociais. Nela estavam marcadas as atividades antrópicas, o cenário das imagens da cidade com o desenho do velho e do novo nas construções, nos meios de transportes, nas conversas, os modos de abordagens, a convivência e as narrativas dos velhos e dos jovens e a relação entre elas, a descrição dos recursos naturais, a orientação geográfica e tudo o que estava ao alcance do olhar da criança. Trata-se do aspecto lúdico, literário e poético da história para se esboçar com apreciação uma boa imagem do mundo e com ele o gosto pela história. Por vezes encontramos o nosso rosto na paisagem: nas plantas secas da caatinga, nas cercas de pedra, nos rios e riachos, nos caminhos estreitos, nas veredas, nas habitações nos animais. Também nas ruas movimentadas, nas carroças circulando em meio aos carros de última geração, nos amontoados de lixo colocados pelas ruas, no frenesi das pessoas indo e vindo das escolas, do comércio, do trabalho. O trabalho sobre a cultura nativa, os primeiros habitantes (mais próximos) da terra mesmo em um tempo já distante,

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte - E-mail: grinauraufn@yahoo.com.br;

apontava que o professor do Ensino Fundamental trabalha cotidianamente os conceitos em foco e necessita, portanto, realizar formação continuada com o objetivo de atualizar as discussões acerca das temáticas que envolvem áreas em apreço, como a natureza e as culturas tradicionais, espiritualidade, contos e crenças regionais. A fauna e a flora da Região do Seridó bem como a amplitude da cultura nativa, temáticas aparentemente distintas, se unem na compreensão de que a criança precisa pensar acerca da cultura nativa, da preservação dos direitos dos nativos e da preservação e valorização da fauna e da flora como temas de proximidade nas suas trajetórias de aprendizagem, para levar aos alunos a conhecer sobre “a dor da caatinga, a dor da caapora, a dor do caboclo como lembra Lydia Brasileira de Brito em texto digitalizado (2019, p. 3). A autora nos lembra que “as primeiras famílias da região do Seridó não são os elogiados patriarcas portugueses: Azevedos, Britos, Batistas, Bezerras, Araújo etc ...São os Ariá, Javó, Paiacu, Jenipapo, Canindé, Sucuru, Janduí, Quiriri, Icó”. O trabalho da professora Lydia Brasileira de Brito faz uma reconstituição da linguagem, dos costumes e da vida do povo indígena na Região do Seridó, uma pesquisa desenvolvida a partir das narrativas de antigos trabalhadores rurais da região que ainda preservam e falam de forma bastante original aproximando-se da linguagem dos povos mais antigos oriundos dos nativos. A proximidade com as formas de conhecimento dos primeiros habitantes da região do Seridó ressuscita estes saberes de séculos de submersão e de domínio do pensamento colonial, trazendo à lume as experiências e tradição das nações indígenas mesmo que por meio dos seus descendentes mais distantes, já mergulhados no mundo da cultura moderna. O próprio professor poderá tornar a compreensão de muitos conceitos, mais fácil. Para exemplificar as diferenças e semelhanças entre história, memória, ficção e lenda para as crianças, esbocei narrativas tomando por base as navegações. Simulação de história, memória, ficção e lenda. São histórias cujo fio da narrativa é a navegação. O professor deve trilhar os caminhos da verdade ou que se aproximam dela. Espera-se do professor que o mesmo tenha ciência desses conceitos, seus distanciamentos e aproximações. Que ele não deixe como verdade histórica a versão da lenda e da ficção. Que tenha a ciência e a curiosidade de discernimento e da discussão acerca da própria verdade. A lenda por seu caráter imaginativo deve ser um gênero para iniciar-se na discussão de uma história mas não afirmar-se no lugar da história enquanto saber científico e operante de exigências como a datação, o recorte, a classificação, a nomeação da cronologia e dos termos ligados à temporalidade.

DESENVOLVIMENTO

O professor do Ensino Fundamental, de posse do conhecimento histórico e da sua aplicação, saberá eleger os conteúdos e materiais que importam na formação da consciência histórica e cidadã das novas gerações. O bom professor certamente é (inconcebível não o ser) um bom leitor. Não basta saber história, o conteúdo temático originado do fato com suas causas e consequências, mas o embrião dos episódios, sua andarilhagem na trajetória do tempo com o impulso dos sujeitos históricos e suas intenções e lutas políticas; correlacionado com o conjunto de saberes em circulação. O legado da tradição da história como mestra da vida, como panteão da pátria ou relato circunstanciado dos ciclos econômicos e das lutas de classe, é e será sempre de conhecimento obrigatório de quem ensina e pesquisa no campo da história; saber sobre a história e a educação com as particularidades do aprendiz, neste caso, com todas as peculiaridades do mundo infantil com sua psicologia própria. Ensinar história é ser protagonista de um saber em conexão com os saberes do mundo, mesmo ciente de que suas aulas não darão conta da história deste, mas dos recortes, politicamente selecionados. Cabe a história o papel de recortar, classificar, eleger, selecionar. A guerra dos cem anos não caberá em cem livros. Ser professor é saber esmerilhar o ofício com sabedoria ciente das decisões e das condições de sua produção, sem perder de vista a historicidade, a importância do passado no presente, da construção do presente no passado e destes no futuro já presente. Nem mesmo as coleções didáticas pedagogicamente organizadas nas últimas décadas por meio do Programa Nacional do Livro Didático dão conta da extensividade e da profundidade do conhecimento histórico distribuído nos anos sequenciais do ensino, deixando a cargo dos professores a produção do conhecimento da história local e regional, para além das primeiras noções de história abstraídas e oriundas do *modus vivendus* e da própria história da criança. Neste ponto, inicio a exposição acerca do ensino de história e as manifestações de proximidade desta matéria com as vivências dos alunos. A reflexão sobre a história e sua conceituação enquanto ciência e disciplina escolar é tão importante quanto a compreensão dos seus tempos. Tomemos a metáfora do Anjo da História de Benjamin (1988, p. 226),

Há um quadro de Klee que se intitula *Angelus novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. Tal deve ser o aspecto do anjo da história. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as joga aos seus pés. Ele gostaria de deter-se para despertar os mortos e reunir os vencidos, mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao

qual ele dá as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso

Ao contrário do Anjo da História que tem seu olhar voltado para o passado, as crianças estão com o olhar no presente, seu interesse não poderia ser outro pois é no hoje que se encontram objetivamente os atrativos mais encantadores das suas perspectivas, as promessas de vida. A subjetividade que recobre as conceituações de um modo geral e os conceitos de tempo e de história, a afastam do seu foco de interesse. Os atrativos do mundo real ofertados no presente pelo avanço da tecnologia, das artes e das ciências; mais exclusivamente por parte da sociedade informática e midiática, é como todos já sabemos, o que lhes chama muita atenção. Esse amontoado de coisas intitulado de tempestade e que o autor chama de progresso tem o seu valor simbólico, financeiro e social entre as novas gerações. Haverá sempre um desejo pelo consumo dos brinquedos mais avançados e indubitavelmente da busca incessante do melhor, do belo, da fantasia. Se o padrão econômico e educacional da família permite participar em parte desse consumo, há a possibilidade de um diálogo mais leal e franco com as crianças com relação aos brinquedos e ao mundo das formas artesanais, uma conversa entre gerações. Corroboramos com Pestalozzi (1988, p. 105), ao afirmar que “incluso a aquella madre pobre y completamente ignorante, o a esa madre joven e inexperta, no le faltan del todo los médios para fomentar el desarrollo intelectual de su hijo”. O precursor da pedagogia contemporânea, filho da Ilustracion confiava na educação dos sentidos, excepcionalmente nas atitudes da mãe no cumprimento de sua missão, nas primeiras manifestações de desenvolvimento da criança e a importância dos sentimentos na conduta humana e nas predisposições da criança para a bondade. Sua pedagogia baseada na experiência, na observação, na crítica e na escrita de base empírica, fruto da observação e da experimentação converge com a categoria de aproximação que defendemos neste artigo. O conhecimento deste clássico da pedagogia, neste sentido, segue vigente na atualidade. Freud (1997), em seu tempo já duvidava da felicidade oriunda do desenvolvimento industrial e tecnológico afirmando que os jovens de hoje, é surpreendente, podem ser mais infelizes que os jovens de outrora. O autor é atual em seu pensamento e por isso trazê-lo à tona neste momento servirá para confirmar o que já prenunciava no início do século XX. A conversa travada com o outro (a mãe em casa, os irmãos, os amigos, a professora na escola) só pode ser um recurso mobilizador das emoções do gosto pela história; as conversas com entrevistados, a transferência ou o saber transportar-se para outro tempo não vivido. O conceito de história e de tempo histórico nas aulas para futuros professores do Ensino Fundamental estão

vinculados às realidades coladas ao público infantil, o conceito de crianças e de infância, os seus interesses mais reais, mais próximos. As conversas sobre sua própria existência (seu registro como primeiro documento), sua família, sua vida, os vizinhos, a rua, o bairro, a comunidade rural ou urbana, as pessoas, seus costumes, seus gostos, sua forma de viver, suas crenças. Toda a colaboração da literatura infantil associados às músicas, cantigas de rodas antigas e atuais, encaminham muito este gosto pela história. E é a tudo isto que chamamos de proximidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O gosto pela história é uma construção e um compromisso. Cabe neste compromisso o encontro com os contadores de histórias nas suas práticas cotidianas de transmissão desses saberes de forma improvisada e voluntária, da mesma forma que o aprimoramento e a qualificação das práticas tradicionais encontradas no ambiente escolar. Faz-se necessário que se reinvente a ambiência escolar. Este é o resultado mais clarividente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, cujo fim é o trabalho com a transmissão e construção do conhecimento, deve ser eficaz no exercício do seu metier; afastar-se das concepções tecnicistas e tradicionais de ensino-aprendizagem e promover as melhores e mais educativas metodologias de ensino que levem à apropriação do conhecimento histórico de forma elevada e prazerosa. Isto requer do professor o compromisso assumido com a docência no sentido de estar a serviço do conhecimento e de sua apropriação pelos alunos; a disposição da busca constante pelas inovações, a curiosidade e sobretudo, a coragem de assumir-se em constante formação. É possível que na revelação de atividades laborais como estas se encontre o gosto pela história, ou a vontade de se iniciar na leitura, vir a conhecer a densidade do livro, o que ele é capaz de transformar, da dinâmica e possibilidade de criação que se confronta diferencialmente com a passividade da televisão ou os atrativos do celular.

!

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** – obras escolhidas, volume I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p. 226.

BRITO, Lydia Brasileira de. **Sobre a nação Tapuia**. Caicó, 2018. Apostila.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

PESTALOZZI, Johann Heinrich. Cartas sobre educacion infantil. Estudio preliminar y traduccion de JOSÉ MARIA QUINTANA CABANAS. Madri: editora Tecnos S.A. 1988